



Reconstituir com exatidão as características do abastecimento de água a Setúbal antes do século XV, é tarefa praticamente impossível, uma vez que a documentação até à data publicada ou referenciada em arquivos e bibliotecas é omissa a esse respeito.

Certo é, que a população de Setúbal medieval se abastecia com a água dos poços e nascentes abundantes nos terrenos que circundavam o burgo e provavelmente dentro dos seus próprios limites amuralhados.

Por outro lado, é também difícil estabelecer com precisão a época em que as águas das nascentes de Alferrara, começaram a abastecer a então vila de Setúbal, nem a forma como foi concedida ou doada a sua exploração para fins de abastecimento público.

Todavia, parece seguro que uma parte da que, em 1487, passou a ser conduzida pelo Aqueduto dos Arcos, já anteriormente chegava à vila, apesar da não existência de canos.

*Depois da construção do Aqueduto dos Arcos e do Chafariz do Sapal em 1487 por determinação de D. João II, a construção de fontes, chafarizes e poços constituiu preocupação dos responsáveis locais que, não raro, souberam aliar ao elemento de utilidade pública, um elevado sentido estético. Algumas dessas peças constituem nos nossos dias verdadeiras relíquias do património histórico do Concelho e são exemplo de várias correntes arquitetónicas, como o barroco e o rococó.*

Tem assim pouco mais de quinhentos anos a primeira rede de abastecimento público de água a Setúbal, iniciada por decisão régia de mandar construir o Aqueduto dos Arcos, pago com dinheiro do Rei e do Município, que servia o Chafariz do buraco de Água, situado na atual Rua Tenente Valadim, cuja entrada pela Av. 5 de Outubro conserva ainda, embebida no troço da muralha medieval, a mãe d'água que recebia os canos do aqueduto.

No século XVIII, o Aqueduto foi alvo de beneficiações, principalmente na época pombalina, o que permitiu tirar um anel de água para abastecer a Fonte de Palhais. Desta fonte partia um anel de água para o Convento das Bernardas.



Procurando responder às reivindicações da população face à escassez de água, principalmente durante o verão, tinham já sido também tirados anéis para abastecimento do Convento de Jesus (início do Séc. XVI) e para abastecimento da Fonte do Rossio do Anjo da Guarda (futuro campo do Bonfim). Em 1692 é concluída a construção da Fonte de S. Caetano, abastecida pela nascente do

Outeiro da Saúde. Local onde através de outra nascente era também abastecida, desde o séc. XVI a Fonte Nova.

Mais para ocidente, a Fonte de Santa Isabel, abastecia o Convento de S. Francisco e a população que vivia na zona do Tróino Ocidental. Para Oriente do centro da vila de Setúbal, o arrabalde das Fontainhas ficou a dever o seu nome às numerosas nascentes de água ou fontes, próximas do rio, tendo algumas delas dado origem aos poços públicos ainda aí existentes.

De outras fontes e chafarizes há notícia para os séculos XVI, XVII e XVIII, como a Fonte das Lágrimas, ou a Fonte do Lagarto ou do Peixe, ambas junto do convento de Brancanes, o chafariz do Penedo, perto da saboaria, ou ainda a Fonte de S. Brás, situada junto do Castelo de S. Filipe, todos entretanto já desaparecidos.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, em virtude de exigências crescentes, foram abertos novos poços públicos, havendo nove em 1880: três nas Fontainhas, um no Largo do Poço do Concelho, outro na Rua de S. Caetano, outro ainda no Largo da Anunciada, um na Rua de S. Francisco e, finalmente um no Campo do Bonfim, aberto em 1839, cuja água se cria possuir qualidades terapêuticas.

Dobrada a primeira metade do séc. XIX, Portugal conhece uma nova fase histórica, que o nome de “Fontismo” sintetiza. Setúbal assentava então a sua economia predominantemente na indústria conserveira, que provocou um forte afluxo migratório e conseqüente aumento demográfico, padecendo de um mal que lhe será sempre de muito difícil resolução – a falta de água. Ao longo dos anos várias tentativas são providenciadas para minorar este mal, todas goradas como nos relata a imprensa da época.

Nos finais de 1878 são efetuadas reparações no Aqueduto de forma a não perder a água que por ele corre até aos chafarizes da cidade e inicia-se a construção de um novo reservatório para abastecimento de água nas Fontainhas. A década seguinte é vivida com a mesma preocupação, quer por parte do poder público, quer pela população. Fora entretanto aberto concurso para o fornecimento de água, mas apesar das propostas analisadas, o problema ficou por resolver. E assim haveria de continuar.

Na época, os concessionários Manuel José Neto e Joaquim Correia, com um serviço de 12 pipas, distribuíam diariamente 30 000 litros de água (cerca de 2 litros por habitante). Era o tempo dos “Galegos Aguadeiros”, que de pé descalço e boné de pala de oleado, sacola e barril ao ombro, calcorreava ruas e ruelas, bairros distantes, acudia aos incêndios, subia e descia íngremes e escorregadias escadarias dos velhos prédio citadino, apregoando a fresca e límpida água, gulosamente sorvida por pucarinhos de barro. Célebres ficaram desta época as rixas entre Galegos, Almocreves e Arreeiros, na ânsia do precioso manancial. Apesar de, em 5 de outubro de 1892 ter sido, finalmente, aprovado um contrato de abastecimento de Águas que proporcionou as obras de canalização e exploração, contrato assinado por João Flores e de curta duração, só em 1900 surge a Companhia das Águas como entidade abastecedora de água a Setúbal, entidade que fica responsável pelo fornecimento do serviço até 1921, ano em que são criados os Serviços Municipalizados. Nem assim o problema da falta de água é solucionado: continuando a fazer-se ouvir as reclamações por parte dos consumidores dos vários bairros de Setúbal.

Nos finais de 1930 é o Eng.º Teixeira Duarte encarregado de proceder à verificação da qualidade da água de Santas, procedendo-se então à sua canalização, de forma a colmatar algumas deficiências no abastecimento aos particulares. Apesar disto e de mais alguns melhoramentos entretanto introduzidos, a falta de água, que se continuava a fazer sentir em quase todos os bairros da cidade, teimava em manter-se como um recorrente tema de discussão.



O abastecimento de água a Setúbal foi, como se vê, desde sempre, uma questão vital de primordial importância para a qualidade de vida das populações, quer do ponto de vista do consumo, quer da higiene e saúde pública.

É na consciência desta realidade que a ÁGUAS DO SADO, vem desde 1998 desenvolvendo todos os esforços no sentido de constituir uma solução para as dificuldades desde sempre existentes, assumindo-se como um parceiro do desenvolvimento do Concelho e da qualidade de vida da sua população.